

CONTRIBUIÇÕES DOS VIAJANTES NATURALISTAS PELO CAMINHO DOS DIAMANTES (ESTRADA REAL, MG).

Paula, S.F.¹; Castro, P.T.A.²

¹Doutoranda em Evolução Crustal e Recursos Naturais – Departamento de Geologia/UFOP; ²Professor do Departamento de Geologia/UFOP

RESUMO: No início do século XVIII, deu-se a ocupação da região central de Minas Gerais motivada pela grande produção de ouro e, posteriormente, pela descoberta do diamante. Paulistas, baianos, portugueses e africanos formaram os primeiros núcleos urbanos do interior luso-americano. Nas áreas de extração de ouro formaram-se povoados, estabelecendo-se neles uma diversidade de artesãos e de trabalhadores, dando sustentação a existência de sociedades urbanas. Estas foram, de fato, as bases para a incorporação dos vastos territórios centrais sul-americanos ao domínio português. O fenômeno conhecido como *Grand Tour* favoreceu que aristocratas europeus realizassem viagens científicas e relatassem em diários, guias, documentos, características encontradas naqueles lugares para os quais viajavam. Ademais, ao final dos anos 1700 a produção decrescente de ouro começa a preocupar a coroa portuguesa. A diminuição da produção ouro, conjuntamente ao avanço de Napoleão na península Ibérica e a mudança da coroa portuguesa para o Brasil em 1808, foram fundamentais para a vinda de cientistas ao Brasil. A partir daí vários deles organizaram expedições pelo território mineiro. Alguns estabeleceram-se em Minas Gerais, em função de interesses científicos ou mesmo por contratação pelo império português e depois pelo brasileiro. Este trabalho abordará apenas a passagem desses cientistas na região da Serra do Espinhaço Meridional em Minas Gerais, entre Ouro Preto, a sul e Grão Mogol, a norte, este recorte foi dado em virtude de, atualmente, ser conhecido como o Caminho dos Diamantes, uma das principais rotas do produto turístico Estrada Real. A presença desses cientistas na Minas Gerais do século XIX marcou os primeiros passos para a consolidação dos conhecimentos sobre um vasto território, deixando um legado de relatos, roteiros e mapas cujas bases eram a visão integrada da natureza, seus recursos, a sociedade e a relação sociedade-natureza ressaltando aspectos relacionados à geodiversidade, tais como picos e rios, que auxiliaram a sua orientação ou foram focos de seus estudos. Para efeito de organização dos dados obtidos os cientistas que estiveram presentes nas regiões serranas do centro do território mineiro foram classificados em dois grupos: os residentes e os viajantes. Os residentes são aqueles que residiram em cidades e localidades no território de Minas Gerais com objetivos específicos de investigação científica, docência e atividades profissionais decorrentes de sua formação científica, dentre eles podemos destacar Eschwege (1810-1821), Peter Lund (1835 – 1880) e Henry Gorceix (1876 – 1891). Diferem, portanto, dos viajantes, cujo período de residência se restringia ao tempo necessário à obtenção de autorização e permissão de percorrer o território brasileiro, à organização e à realização das expedições, dos quais podemos citar John Mawe (1812), Auguste de Saint-Hilaire(1817), G. H von Langsdorff (1827, 1824), J. von Spix & C. von Martius (1818) e Richard F. Burton (1867). Como resultados desta pesquisa, foi possível confeccionar mapas que demonstram as rotas percorridas além de elaborar uma tabela sobre as regiões resididas e/ou pesquisadas e os principais pontos descritos por cada um destes viajantes.

PALAVRAS-CHAVE: PATROMÔNIO GEOLÓGICO E MINEIRO, VIAJANTES NATURALISTAS, CAMINHO DOS DIAMANTES.